

A transcrição deve ser citada da seguinte forma: Noël Golvers (transcrição paleográfica): *André Pereira (1689-1733)*. Arnaldo do Espírito Santo (tradução do latim), in *Res Sinicae. Base digital de fontes documentais em latim e em português sobre a China (séculos XVI - XVIII). Levantamento, edição, tradução e estudos (PTDC/LLT-OUT /31941/2017)*, coordenação de Arnaldo do Espírito Santo e Cristina Costa Gomes, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2021, e-ISBN: 978-972-9376-57-3. <https://www.ressinicae.lettas.ulisboa.pt/andre-pereira-1689-1743-1>. [Consult. Data da consulta].

## ÍNDICE

1. Carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Pequim, 19/10/1729. ARSI, Jap.Sin. 180, fls. 276 – 277v.
2. Carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Pequim, 6/11/1730. ARSI, Jap.Sin. 180, fls. 296 – 297.
3. Carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Pequim, 20/11/1732. ARSI, Jap.Sin. 181, fls. 54 – 55v.

**Carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Pequim, 19/10/1729. ARSI, Jap.Sin. 180, fls. 276 – 277v.**

Reverendíssimo Padre Geral em Cristo,  
Paz de Cristo

A dez de Setembro do corrente ano de 1729 chegaram a Pequim três Cartas de Vossa Paternidade Reverendíssima, datadas do mês de Dezembro de 1727, juntamente com três cartas Patentes, sendo a primeira para o Visitador, dirigida ao Padre Inácio Kögler, homem verdadeiramente prudente e dotado de toda a espécie de virtudes; e, as outras duas, para o Vice-Provincial e Reitor deste Colégio, ou seja, para mim próprio, que sou absolutamente inepto para qualquer cargo de Superior, pois como poderá governar quem ainda não aprendeu bem a submeter-se? Não sei reger-me a mim próprio, como hei-de reger ou outros? Sinto em mim grande falta de caridade, de humildade e das restantes virtudes; sou destituído de toda a longanimidade e grandeza de espírito; não possuo prudência nem experiência em fazer as coisas, e não tenho conhecimento suficiente do nosso Instituto. Pelo contrário, sou muito primário na oração, inclinado às minhas comodidades, propenso à irritação, pusilânime, etc.; ponderando tudo isto diante de Deus, julgo que os votos me impedem de aceitar a Carta Patente que me é dirigida e o cargo que por elas me é imposto. Por esse motivo, pedi insistentemente ao Reverendo Padre Vice-Provincial, que então estava aqui em Pequim, que me considerasse dispensado, expondo diante dele e dos conselheiros, com a devida sinceridade e simplicidade de espírito, as razões pelas quais, em consciência não podia aceitar tal cargo e, mais ainda, que estava obrigado, por manifesta inaptidão, a recusá-lo com todas as forças, para que daí não adviessem graves danos, não só para a minha alma, mas para o bem comum da Companhia e da missão. Mas não fui atendido; pelo contrário, decidiu-se de outra forma. Por conseguinte, a 14 de Setembro foi-me imposta uma dupla Cruz, na própria Festa da sua Exaltação. Queira Deus que com verdadeira humildade e resignação eu leve a minha cruz e com o Apóstolo André, meu Padroeiro, siga a Cristo, conduzindo os meus irmãos para JESUS. Não sou capaz de exprimir com que amargura de espírito fui obrigado a submeter-me ao ónus imposto; mas que outra coisa me restava

fazer senão humilhar-me sob a poderosa mão de Deus? Assim quis o Senhor, assim se fez.

Até agora tenho gerido os conflitos e discórdias do passado, na nossa família religiosa, como fraticidas, como de morte, e ainda continuo a gerir; e, acima de tudo, lamento que daqui seja apresentada a Vossa Paternidade tão ampla matéria, ainda que de legítima dor. O Padre Visitador e eu (já outras vezes unidos na caridade) não haverá nada que não façamos para incentivar os companheiros à união dos espíritos e à caridade fraterna. Faça Deus que consigamos o efeito desejado e, mudada tão triste cena, nos conceda daqui em diante divisar coisas mais alegres e esperar outras melhores de dia para dia, a fim de que vossa Paternidade tenha a sorte de se comprazer em tantos caríssimos filhos.

Percorri diligentemente e li com toda a atenção as cartas de Vossa Paternidade; e darei execução a tudo minuciosamente, de acordo com a intenção de Vossa Paternidade. Antes de mais, agradeço a Vossa Paternidade, em nome de toda a Vice-Província, pela adjudicação dos pertences do Padre Mourão feita à mesma Vice-Província, e também em nome do Colégio de Pequim, pela parte que lhe coube. Como Vossa Paternidade prescreveu, assim foi executado.

Quanto às informações para a promoção, relativas aos Padres Policarpo de Sousa e José de Sousa, pareceu-me mais oportuno confiar esta questão ao Superior da Residência da Vice-Província, a qual está em Macau, de onde os referidos Padres este mesmo ano saíram e onde são conhecidos; e não se podia esperar que me devesse ser enviada de Macau para aqui uma resposta, sem que as informações a enviar para Roma se atrasassem um ano inteiro. Portanto, arrisquei. Mas por que razão e de que modo os mencionados Companheiros se entregaram à Teologia privada, contra o costume da Companhia? Já escrevi ao Padre Sá para que satisfaça ao inquérito de Vossa Paternidade; de facto, não tenho aqui causas suficientemente conhecidas; do mesmo modo, por que motivo os Companheiros da Vice-Província que moram na Residência de Cantão não vivem em comum?

Dei a conhecer aos Padres indígenas a solícita preocupação de Vossa Paternidade e o amor com que paternalmente se recorda /fl. 276v./ dos seus trabalhos na vinha do Senhor, e por estes lhes agradece; eles, todavia, conscientes disso, não valorizam tanto o seu trabalho aplicado na missão a ponto de ousarem aceitar agradecimentos acima da dignidade da sua pessoa e do seu mérito; mas eles, ponderando tudo isso como tendo-lhes sido acrescentado um novo estímulo para correr

e avançar mais depressa para a salvação das almas, receberam maior alegria espiritual. É manifestamente mais digno de louvor o Padre Luís Fan, pelo zelo e trabalho com que cuida dos baptizados e dos baptizando, não se empenhando tanto em que sejam muitos, quanto em que sejam bons e conheçam muito bem o que é preciso. Em nome de Vossa Paternidade, cumulei com os mesmos agradecimentos pelo seu trabalho o Padre João Duarte que, livre do peso do cargo de Vice-Provincial, regressou daqui ao seu habitual esconderijo na Província de HU Kuam. Estão clandestinos também os Padres Simonelli, Peixoto, Correia, José de Sousa, Luís de Siqueira e Policarpo de Sousa; mas este foi chamado para Pequim, a fim de exercer o cargo de Procurador e missionário. Os Padres Hinderer, Mendes e Pinto ainda moram nas suas antigas residências, a saber: o primeiro, em Ham cheu; o segundo, em Xam hay; o terceiro, em Sum Kiam; porém, aí suportam os vexames, frequente e graves, que lhes são infligidos pelos pagãos; chegou-se ao ponto de ser duvidoso se poderão permanecer aí durante mais tempo. Mas a causa do novo temor é esta.

Há poucos dias, com grade pesar do nosso espírito, soubemos, por uns amigos, que tinha sido lançada contra nós e contra a Santa Lei uma acusação secreta, com a qual o acusador roga ao Imperador que se digne inquirir se o decreto outrora emanado contra a Lei dos Europeus tinha sido realmente executado nas Províncias. Parece, com efeito, que ainda aí subsistem algumas Igrejas e que nelas residem Europeus, enquanto outros estão escondidos nas Províncias, contra o decreto Real. Além disso, muitos são os que vivem no Palácio, a maior parte dos quais não tem nenhuma actividade senão ocupar-se em levar os Chineses e os Tártaros para a sua Lei. Até agora o Imperador não trouxe a público o memorial desta acusação, mas reservou-o a si: no entanto, fez com que, sendo medianeiro o mais importante e íntimo ministro Ko Lao, de cognome Cham, lhe fosse apresentada a primeira acusação avançada pelo supremo governador da Província de Fokiense, chamado Çum tu, e o seu decreto sobre ela; ambas as coisas lhe foram apresentadas, mas ainda se aguarda a resposta; até agora o oráculo fez silêncio; mas angustia-nos este mesmo silêncio, pois talvez, sem ninguém saber, tenham mandado aos Governadores das Províncias que de novo inquiram e investiguem se aí havia ou não missionários escondidos. E agora, se alguém tiver sido apanhado, prejudicará sem dúvida toda a missão. Não fosse dar-se o caso de eu estar enganado em matéria de tanta gravidade, pus isso à consulta. Seria mais proveitoso para o bem da missão, nestas circunstâncias, mandar vir imediatamente para Macau os nossos missionários, até que amainasse a actual tempestade, ou deixá-los, como até agora, nos seus esconderijos? O

parecer dos Consultores foi que não se deviam abandonar os neófitos, pois embora os nossos Companheiros fossem embora, os restantes missionários, que ainda estavam escondidos, não iriam: para prejudicar a causa comum do Evangelho bastava que uma só pessoa, de qualquer nome e instituto, fosse presa pelos mandarins. Depois, tinha muito a ver com a Situação, se os mandarins fizessem investigações mais indulgentes ou mais severas; há que esperar por isso; e, mais ainda, que não se encontra em todos os lugares a mesma oportunidade de se esconderem; onde os Companheiros entendessem que não podiam iludir os interrogatórios e os averiguadores, que se fossem embora daí imediatamente; onde pudessem viver clandestinos ou evitá-los, que não se afastassem. Seguindo esta opinião dos conselheiros, mandei uma carta aos nossos referidos missionários que vivem clandestinamente, acrescentando além disso que, embora cautelosos até este momento, nas presentes circunstâncias fossem ainda mais cautelosos na sua conduta e, à semelhança de lebres orelhudas, captassem /fl. 277/ os rumores trazidos dos tribunais dos mandarins; que também ponderassem se, nos grandes rios e nas canoas, podiam arranjar uma guarida mais secreta. Se, porém, considerassem completamente cortadas as vias da clandestinidade, se recolhessem finalmente a Macau. Não obstante a referida acusação, recentemente no dia 15 da oitava Lua do corrente ano, que é um dia solene para os Chineses, o Imperador presenteou todos os Europeus com bolos e frutos das árvores; e já o tem por hábito em determinados dias da 5<sup>a</sup>, da 8<sup>a</sup> e da 12<sup>a</sup> Lua, desde que o Embaixador de Portugal chegou à China. Temos conhecimento de que o Breve Pontifício para o Imperador chegou a Cantão e foi entregue ao Vice-Rei de Cantão pelo Padre Perroni, que aí é o Procurador da Sagrada Congregação, para que o envie ao Imperador. Mas, descontada já a demora da viagem, já passou quase um mês desde que devia ter chegado aqui. Contudo, sobre esta questão, não nos fez chegar até agora nem uma palavra.

Proverei do necessário todos os Missionários da Companhia. A Sagrada Congregação da Propagação da Fé dá aos seus Missionários que moram nas Províncias 125 patacas (ou 92 taéis); os Padres Franceses e a Província do Japão dão 100 taéis. Por isso, ouvidos os conselheiros, e com a aprovação da maior e melhor parte deles, deliberei que se dessem de futuro 100 taéis aos Companheiros que moram em Residências que não beneficiam de nenhuns, ou quase nenhuns, emolumentos dos campos etc., de que pudessem socorrer as despesas ordinárias; mas aos outros que estão em Residências que gozam de emolumentos próprios, contabilizados estes, logo que tenha vagar, determinarei o peso de prata que deve ser dado pela Procuratura todos os

anos, tendo em conta a igualdade e a necessidade; deste modo, todos terão em abundância uma sustentação adequada. Procurarei, igualmente, que os que ingressam na missão pela primeira vez sejam providos generosamente de roupas e outras coisas necessárias. Procedeu mal o Padre Sá, se não tiver provido o Padre Morabito das roupas de que precisava para se defender do frio. Contudo, saiba Vossa Paternidade que o dito Padre é de sua natureza difícil de satisfazer. Quando o mencionado Padre ingressou pela primeira vez na missão, eu era por acaso o Superior em Cantão; na provisão das suas roupas, gastei o dobro do que era costume para os outros; contudo, ainda assim, não preenchi o coração do Padre, de tal modo que também ao Visitador, Padre Laureati, que então estava em Cantão, pareceu estranho que fosse esse o temperamento do Padre.

Não posso deixar de me espantar que tenha havido alguém que relatasse a Vossa Paternidade não serem suficientes, para sustentar os Companheiros que moram em Cantão, 50 taéis por ano, dos quais se gastam 47 no salário de cada servo, sobrando apenas três para o sustento. Descarada mentira. Fui Superior de Cantão durante alguns anos, tenho experiência suficiente de quanto aí se gasta no sustento de um ano. A pura verdade é esta: para o sustento anual de cada Companheiro gastam-se 36 taéis, mas para o de um criado 7 taéis e duas décimas e para o seu salário anual 3 taéis, perfazendo no total uma soma de apenas 46 taéis e duas décimas; sobram, portanto, 3 taéis e oito décimas, cada uma das quais se chama «macho». Daí se segue que qualquer Companheiro entrega ao Superior da Residência 46 taéis e não se preocupa com mais nada; incumbe, porém, ao Superior alimentá-lo a ele e ao criado, e além disso pagar o salário do criado. O Superior, por seu lado, nem lucra nem tem prejuízo com as despesas. E esta é a prática entre todos, lá em Cantão. Por isso, penso que nesta matéria não há que inovar, contanto que, além do côngruo sustento, se proveja às roupas e outras necessidades, como é justo. No entanto, aqui convém notar-se que os Companheiros que vivem em Cantão não se devem equiparar aos que moram nas Residências, pois estes devem sustentar, no mínimo, quatro ou cinco criados, cuidar da reparação e conservação das casas em bom estado, e acudir, não de vez em quando mas muitíssimas vezes, às necessidades /fl. 277v./ dos Cristãos pobres, e outras coisas semelhantes; ao passo que aqueles não têm de cuidar de coisa alguma.

Quanto à prática de tratar e acarinhar igualmente os Portugueses e os estrangeiros, a nossa tem-nos ensinado até agora que, se nisto se pecou, foi por excesso para com os estrangeiros, não por defeito. Sempre se proveu com maior cuidado aos estrangeiros do que aos Portugueses; e, por isso, os estrangeiros têm morado sempre nas

Residências melhores e mais abastadas, ou pelo menos o dinheiro compensava o que faltava no lugar; ao Padre Van Hamme, além do côngruo sustento habitual, eram dados todos os anos 20 taéis; igualmente aos Padres Provana e Bayard; além disso, a cada passo se acrescentavam esmolas a estes e aos restantes; não assim com tanta frequência aos Portugueses; portanto, parece que se queixam sem razão. Em Pequim já foi introduzido o toque do Sino a *Angelus Domini*, de manhã, ao meio-dia e ao fim da tarde, e também se conserva o costume de trazer cá fora todos os meses os Santos Padroeiros. Também louvavelmente foi introduzido pelo Padre Rezende o toque do Sino à oração da manhã e ao exame de consciência antes do jantar; o toque nocturno não se pode dar por causa das sentinelas da noite, já então muitas vezes começadas, e durante esse tempo não é permitido no Palácio tocar sinos particulares. A observância do Colégio e da Residência cresceu em relação aos anos precedentes e vigora, mas é a devoção de muitos para com o Santíssimo que mais brilha. Os Cristãos frequentam com assiduidade os Sacramentos; todos os domingos e dias festivos há homilia na Igreja, intermeando-se coisas que dizem respeito ao Catecismo. Mas para as mulheres, que outrora costumavam acorrer à Igreja da Madre de Deus para os sacramentos, exerce-se o ministério com mais cautela, como o tempo exige, não em magote, mas em pequeno número, em casas de pessoas piedosas, sendo avisadas as vizinhas mais próximas. Todos os nossos coadjutores aprendem a língua Chinesa e cada um, conforme lhe permite a sua capacidade, fala Chinês. De outra maneira como tratariam com os Chineses? Todavia, não parece que devam ser obrigados a aprender os Caracteres Chineses, como pretendia o Padre Fridelli: e isso, em primeiro lugar, porque é mais conforme ao nosso direito; em segundo lugar, porque não há um fim útil, ou seja, a pregação ou a exegese de livros que lhes possam ser confiadas; em terceiro lugar, porque não têm a capacidade necessária para as letras.

Os Neófitos nobres, que se tornam mais nobres com a profissão e as virtudes da Religião Cristã, visto que a verdadeira nobreza é só e unicamente a virtude, perseveram cada dia mais constantes no propósito e na confissão da Fé que receberam, coarctados no seu exílio e nos cárceres; mas ainda que se estreitam os limites dos seus corpos, alargam-se para Deus os espaços da sua caridade. Estão separados uns dos outros em diversos cárceres, nuns os homens, noutros, as mulheres; e embora lhes seja permitido falar entre si, é-lhes todavia vedado todo o contacto com pessoas de fora; e mesmo com outras pessoas, que estão presas num cárcere diferente, de tal modo que não é permitido às mulheres ver os seus maridos, nem sequer uma vez por mês, como antes se lhes

permitia segundo o costume deste povo. De dia para dia, tanto o Imperador como os mandarins os pressionam com mais rigor, e não lhes dão sequer o magro sustento que aqui é costume conceder aos criminosos, excluindo toda a espécie de humanidade em relação a eles; e dificilmente a podem mostrar os parentes e afins, mesmo que queiram, temendo incorrer na indignação do tirano, com a delapidação de todos os bens e perda das dignidades. Nós, ex-Vice-Província, e os Padres Franceses, socorremo-los às escondidas com a ajuda que podemos; mas que adianta isso entre tantos oprimidos e por tão grave necessidade? Humildemente peço a Vossa Paternidade a paternal benção e insistentemente me encomendo a mim e a esta aflita missão aos seus Santíssimos Sacrifícios. Pequim, 19 de Outubro de 1729.

De Vossa Paternidade Reverendíssima

Mínimo Filho em Cristo

André Pereira



**Carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Pequim, 6/11/1730. ARSI, Jap.Sin. 180, fls. 296 – 297.**

Reverendíssimo Padre Geral em Cristo,  
Paz de Cristo,

Com o passado terramoto, do qual faço menção em outra carta, ficou reduzido a extrema pobreza o Colégio de Pequim. Para se refazerem os seus danos e se porem no estado anterior as oficinas, os cubículos dos nossos e as casas dos criados, é necessária uma grande soma de dinheiro: uma ainda maior se requer para refazer as casas exteriores, com cujas rendas nos sustentamos, e não há esperança de onde provenham os custos necessários, uma vez que, seca a fonte da qual brotava o dinheiro, é evidente que também ele cessa; no entanto, devem-se reedificar as casas, para que, perecendo o património do Colégio, não faltem os recursos necessários para alimentar os seus filhos. Já antes, para que o seu rendimento igualasse as inevitáveis despesas, se requeria uma economia muito grande. Por conseguinte, eu trabalhava com todas as forças na criação de alguma reserva para que isto se fizesse. Já havia alguma porção de dinheiro, mas de tal modo pequena, que se consideraria como nada, sobretudo agora que as despesas a fazer necessariamente excedem os rendimentos de muitos anos.

Todavia, o que fere o espírito com um golpe mais impiedoso, é a ruína da Igreja; com efeito, foi totalmente destruída e esmagada, de tal modo que não se vislumbra outro remédio senão construí-la de novo. Não há ninguém que duvide que ela deve ser reedificada, para que a Lei que viemos pregar e a glória de JESUS Cristo não sofram dano, com indelével ferrete dos Cristãos, ludíbrio da Religião e ignomínia nossa, uma vez que ela tem sido o primeiro precónio e fortaleza da Fé admitida, e o último asilo da Fé perseguida, do qual, se não o fortificamos, a desalojamos, estando nele refugiada. E coisa que acrescentaria estímulos maiores, se não fôssemos espicaçados pela Religião, foi o próprio Imperador que, recebendo-nos no dia 5 de Outubro indo nós saudá-lo, antes de mais nada se lembrou de nos perguntar: ‘está salva’? E tendo ouvido falar do seu estado deplorável, que nós atenuamos, para não aumentar a dor sentida com os escombros da cidade, deu-nos 1000 taéis para que fossem reparados os estragos dessa e

de outras Igrejas. Coube-nos esta parte e não chega para arranjar os materiais. Por isso, visto que nem o Colégio consegue tratar de si próprio, nem pode prudentemente esperar auxílio de outro lado, deve-se recorrer à Vice-Província, que por razões de peso e de equidade deve reedificá-la.

1º. Esta Igreja, como é bem conhecido de Vossa Paternidade, foi erigida com o dinheiro do falecido Imperador, emprestado sem juros para este fim, a saber, dez mil taéis que, colocados a render, além das despesas da Igreja, produziram cinco mil taéis, com os quais a Vice-Província foi enriquecida. Estes proventos, colhê-los-ia, de certo, o Colégio, ao qual, rigorosamente falando, pertenciam como património daquela Igreja, se o Padre Antoine Thomas, de pia memória, nesse tempo Reitor, temendo sobrecarregar o Colégio, não os cedesse à Vice-Província com a obrigação de restituir o capital: o Padre José Soares não recusou suportar esse encargo como sendo leve e até lucrativo; o resultado foi bom, dado que, tendo sido restituída ao actual Imperador a quantia emprestada, os ditos proventos foram de sobra. Embora nunca os tenha pedido, reclama agora a Igreja de onde eles dimanaram, forçada pela necessidade.

2º. Tudo o que é da Procuratura Pequinese da Vice-Província e quase tudo da Procuratua Goense, não o recebeu a Vice-Província de outro lado senão dos filhos deste Colégio, ou seja, dos Padres Tomás Pereira, Filippo Grimaldi e José Soares, e de outros que, condoídos da penúria da Vice-Província, restabeleceram esta Procuratura, e enriqueceram a de Goa. Agora, porém, é justo retribuir benefício com benefício e ter compaixão do Colégio que, embora se esqueça da sua própria desgraça, não pode deixar de se lembrar da Igreja (cujo descalabro atingirá também a pupila dos olhos de Vossa Paternidade).

3º. Em tempos passados, quando a Vice-Província não possuía nenhum vigor e, de penúria, não conseguia alimentar os Missionários, o Colégio forneceu de mãos tão largas tudo quanto era necessário que, além do que não foi registado, se encontram averbados em registo cinco mil taéis de despesa; para que, por falta de alimento, os soldados não fossem obrigados a abandonar o seu posto. Ainda que seja indecoroso trazer à lembrança um benefício, a necessidade ordena que se torne público.

Ainda se pode acrescentar um 4º ponto. A Vice-Província obteve da mobília do Padre Mourão, de pia memória, acima de seis mil taéis, por benefício de Vossa Paternidade. Esta soma pertencia por direito hereditário ao Colégio, de que era filho, e pelo qual eram pagas as despesas do referido Padre, realmente muito grandes. Mas, pelo menos em caso de extrema necessidade, é justo socorrer o Colégio.

Finalmente, o Senhor Marquês de Villa Puente, pai dos missionários, além de mil patacas dadas à Residência Macaense de São José, para alimentar alguns Chineses que prestam auxílio à missão, doou generosamente três mil patacas (ou dois mil taéis) a esta missão da China (por essa beneficência suplico e rogo a Vossa Paternidade que comigo agradeça a Sua Excelência). Eu, pondo na balança a pobreza do Colégio, aplico esta esmola à restauração da Igreja, com a aprovação do Padre Visitador. Manifestei esta minha disposição também aos conselheiros: nenhum deles se opôs, mas sei que os Padres Rezende e Pinheiro (acérrimos batalhadores da Vice-Província contra o Colégio e principais conselheiros e defensores do Padre Sá), em conciliábulo privado consideraram tal aplicação injusta, como se esta Igreja não fosse da Vice-Província e não incumbisse ao Vice-Provincial velar por tudo e, conforme a necessidade o exija, acudir e prover, não só com esmolas inesperadas, como esta, mas também com o que é comum, sobretudo este Colégio e esta Igreja, tão beneméritos da Vice-Província e até credores de uma soma tão grande, quanto o Colégio e os seus filhos repartiram de mãos largas pela Vice-Província, missionários e Residências, sobretudo pela Chintinfunense, cujo Procurador, o Padre Rezende, esquecido do benefício, agora não se compadece do Colégio, tendo sido dados da Residência Chintinfunense à Residência de São José mais de 800 taéis, pertencendo a Residência Chintinfunense ao Colégio e tendo sido dotada por ele; os que (o Padre Rezende dando e o Padre Pinheiro reebendo) não julgaram escandalosa esta alienação de bens, agora, levados não sei por que Teologia, consideram uma impiedade que o Vice-Provincial aplique as esmolas inesperadas da Vice-Província /fl. 297/ a uso tão piedoso e tão necessário, sobretudo nestes tempos em que, extinta a missão, resta apenas esta cinza ainda quente, que, se for mantida, um dia suscitará um incêndio; proibidas as Igrejas das Províncias, ainda se permite a primogénita de todas elas. E esta, que a ira do Imperador poupa, sepultá-la-emos eu e a Vice-Província? Ele, sendo gentio, dá dinheiro; nós, Cristãos, negaremos uma esmola? O Imperador empenha-se em que seja reedificada, eu abandoná-la-ei entre ruínas? Abandoná-la-ia, talvez, se subscrevesse a opinião dos referidos Padres, o que Deus não permita, para que eu não me torne réu de tão horrendo crime no tribunal divino, e no humano de Vossa Paternidade; antes pelo contrário, com a diligência que puder, vingar-me-ei do terramoto, ou reparando, se for suficiente, ou erguendo dos escombros, mesmo que seja necessário vender a minha veste. Mas quando terminar, porventura antes dela, o meu governo e o do Padre Visitador, pertencerá a Vossa Paternidade providenciar com a generosidade que é justa e, ponderadas as razões, mandar que seja reedificada a

expensas da Vice-Província, ainda que as despesas que é preciso fazer excedam a esmola do Senhor Marquês; de outra forma, a missão, já agonizante, exalará também este supremo suspiro. Encomendo-a muito aos Santíssimos Sacrificios de Vossa Paternidade. Pequim, 6 de Novembro de 1730.

De Vossa Reverendíssima Paternidade

Humílimo filho em Cristo

André Pereira

### 3.

**Carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Pequim, 20/11/1732. ARSI, Jap.Sin. 181, fls. 54 – 55v.**

/fl. 54/

Reverendíssimo Padre Geral em Cristo,

Paz de Cristo.

Quero desde já informar Vossa Reverendíssima Paternidade do progresso da Matemática neste Império da China, por meio da qual a Fé do Deus Verdadeiro entrou nele e, apesar de perturbada por muitas perseguições, todavia ainda se conserva. Os Chineses tiveram sempre a Matemática em grande apreço e entre eles floresceram desde tempos antigos homens insignes, peritíssimos em Astronomia; no entanto, com o decorrer do tempo, tal como costuma acontecer em outras coisas, a Astronomia dos Chineses afastou-se do seu primitivo esplendor e da via da verdade, de tal modo que os movimentos dos corpos celestes e as suas observações já diferiam demasiado dos cálculos dos Chineses, até que, favorecendo e aplainando Deus o caminho por meio da Matemática, os nossos antigos Padres penetraram neste vastíssimo Império, onde descobriram e corrigiram os erros da Astronomia, e desde esse tempo até agora têm sido sempre presidentes do Tribunal da Matemática e, distinguidos com este grau de grande autoridade, têm pregado com mais liberdade a fé Católica, protegendo-a contra os ataques e as calúnias dos adversários. No entanto, embora tendo nós sido, desde sempre, tidos em grande honra entre os Chineses graças, sobretudo, às ciências Matemáticas, não faltaram, todavia, as perseguições e calúnias deles contra nós (ou, para falar com mais verdade, dos Mouros que vivem na China desde há longos séculos); como aconteceu nos tempos do Padre Adam Schall e do Padre Ferdinand Verbiest. Embora eles exaltem com os mais altos elogios a nossa Astronomia, contudo, como povo dado, entre os primeiros, ao estudo das letras e, de seu próprio carácter, orgulhoso, nunca suportou facilmente ser ensinado por estrangeiros e venerá-los como mestres, e por conseguinte, por mil artificios e enganos, tentaram muitas vezes afastar os Europeus da cátedra de Matemática e constituir-se como seus mestres. Ainda que, graças à protecção

de Deus e da verdade, nunca o tenham conseguido obter, todavia, nestes últimos tempos, pareceu que quase o tinham obtido, como a seguir acrescento.

O Imperador imediatamente precedente, de nome Kam hi, progenitor do que agora reina na China, e que com verdade deve ser chamado Pai dos Europeus, farto de tantas controvérsias e disputas entre os próprios Europeus sobre os ritos Chineses, e considerando que aqueles não podiam persistir por mais tempo no seu Império, mas que devia preparar-se para um dia os expulsar da China, antes de o fazer quis aproveitar deles tudo quanto tinham de artes e ciências e instilá-lo nos Chineses. Por este motivo, sempre que qualquer Missionário vindo da Europa chegava a Pequim, se era perito em alguma arte ou ciência tidas em apreço entre os Chineses, imediatamente se lhe confiavam discípulos para serem imbuídos dessa arte ou ciência, com tal felicidade e sucesso, que desde logo tivesse não poucos chineses bem preparados no maior número de artes e ciências Europeias.

Como porém, pela experiência de tantos anos, se tinha apercebido de que neste aspecto os Chineses dependiam em grande medida, ou unicamente, dos Europeus, porque sem eles e sem a sua ajuda e direcção não conseguiam ordenar sem erro as ciências Matemáticas, e especialmente a Astronomia e as predições exactas dos Eclipses, recorreu a uma cura decisiva, de modo a obviar no futuro a este mal e tornar os seus independentes. Por tal motivo, sem olhar a despesas ou a trabalhos, com magnificência digna de um Rei, restaurou integralmente a Academia da Matemática, à frente da qual pôs o seu terceiro filho como Presidente, pessoa verdadeiramente digna de tal cargo, pois que, desde os seus primeiros anos, tinha sido amplamente instruído pelos Nossos nas disciplinas Matemáticas; e deu-lhe como por companheiros e Assessores outros dois filhos seus, o décimo segundo e o décimo sexto, da mesma estirpe Real. Além disso, mandou vir de todas as Províncias do Império todos os que eram peritos em Matemática, enriquecendo assim a nova Academia da Matemática com muitos e selectos indivíduos que, com incessante trabalho e grandes despesas, gastaram dezasseis anos na reforma da Astronomia e preparação da obra de Matemática que saiu finalmente à luz no ano de 1725 sob o nome do Imperador Kam hi, já falecido. Se perguntarmos quais foram as despesas, diz-se que chegaram a três milhões de áureos; e embora seja costume desta Região talhar em madeira os caracteres tipográficos, todavia entalharam as letras destes volumes em lâminas de cobre, com o que o tipo se tornou mais nítido e os caracteres mais belos e, por isso mesmo, a obra ficou perfeita, pelo menos na aparência, sob todos os aspectos. Nessa obra reuniram tudo o que de bom foi

dados encontrados nos livros Europeus de Astronomia, traduzidos por eles para a sua língua, bem como tudo o que aprenderam dos mesmos Europeus que eram obrigados a ensiná-los por decreto do Imperador. Finalmente, trasladaram todas as formas de cálculo e observação, descobertas pelos nossos, para a sua obra, na qual, como seria conveniente, não falavam deles como seus mestres. Com efeito, posto que confessassem abertamente que os Europeus tinham vindo ao Império Sínico para restaurar a Astronomia, que se degradara, e que tinham trazido consigo algumas coisas de novo, antes deles absolutamente ignoradas pelos Chineses, acrescentavam todavia que, como estrangeiros que eram, não dominando por isso a propriedade e a clareza do idioma chinês, o tinham feito com alguma confusão, o que eles próprios agora, enquanto indígenas e tendo o domínio perfeito da língua nativa, aperfeiçoavam com maior clareza (quando de facto era muito mais clara e transparente a reforma da Astronomia feita pelos Nossos antigos Padres, embora já necessitasse de alguma correcção, devido a um tão longo intervalo de tempo). Contudo, para que não parecesse que na sua obra mendigavam tudo aos estrangeiros, acrescentaram algo de seu, a saber, as observações feitas por eles próprios em vários lugares do Império, aonde enviaram para este fim os seus Académicos; e esta foi a sua ruína, pois confiando nas suas observações mais do que é correcto, apoiaram-se nelas como em fundamentos seguros e bases firmes; mas, como realmente a base e o fundamento de tal coisa não eram firmes nem seguros, foi inevitável que toda a sua estrutura e artificio desabassem.

O Imperador Kam hi, que era realmente uma pessoa de um talento invulgar, bastante versado nas disciplinas Matemáticas, e sabia muito bem quanta diferença havia entre a ciência Astronómica dos Nossos e a dos seus, acautelara com um decreto que nada fosse tornado de direito público pelos seus Académicos, sem ser previamente corrigido e aprovado pelos Europeus; e se o Imperador tivesse sobrevivido mais tempo, teria conseguido o objectivo que pretendia; teria, com certeza, uma obra Matemática feita pelos seus apenas de nome, mas na realidade acabada e emendada pelos Nossos para uso e utilidade deles, e assim se tornariam por completo independentes de nós. Mas a Divindade Suprema dispôs as coisas de um modo diferente daquele que foi tentado pelo homem. Na verdade, antes de a obra ser concluída, o Imperador Kam hi morreu. Depois da sua morte, os Académicos, que por sobrançeria não quiseram submeter a sua obra à correcção e à crítica dos Europeus, de imediato se dirigiram ao seu filho e Sucessor no trono, suplicando-lhe que a nova restauração da Astronomia, durante tanto tempo por eles elaborada, fosse publicada. Não acedeu o novo Imperador aos primeiros

pedidos, e até mandou que a obra voltasse de novo à forja, para se tornar mais limada e mais precisa. Mas, por fim, no ano terceiro do seu governo, sendo implorado, decretou que fosse publicada e constituísse daí em diante como que o método definido, a cuja norma se devia conformar obrigatoriamente o Tribunal Público da Matemática nos seus cálculos e na construção dos Calendários, de tal modo que não era lícito afastar-se dela rigorosamente nada. E assim os Académicos Chineses, empossados dos seus desejos, se tornaram como que preceptores dos seus próprios Mestres!

Houve então um grande susto da parte dos Nossos, e um boato espalhado pelos Chineses, de que os Europeus deixariam de reger daí em diante a cátedra de Matemática; e assim seria arrancada definitivamente neste Império a única raiz, abaixo de Deus, da dilatação da Fé, a saber, a dependência da Matemática Europeia. E não era vã, então, a razão do medo; efectivamente, aproveitando esta oportunidade, um certo Mandarim da mesma Academia, inimigo do nome Cristão, de sobrenome Ho (descendente de outro que no tempo do Padre Adam Schall movera também uma terrível perseguição contra nós), apresentou a este novo Imperador um libelo de súplica, no qual, depois de outras coisas, dizia: que, concluída já a reforma da Astronomia pelos Académicos Chineses, já não havia mais necessidade de Europeus para Reger o Tribunal da Matemática e dirigir os Calendários dos Planetas e dos Eclipses; mas que, para exercer esse cargo, bastava um certo Mandarim da própria Academia, de sobrenome Mey, que ele propunha em lugar dos Europeus. O Imperador, indignadíssimo, contra toda a esperança humana rejeitou o libelo, asseverando que só os Europeus sabiam e podiam dirigir sem erros a Astronomia. Assim Deus, em cuja mão estão os corações dos Reis, protegeu a sua e nossa causa. Pouco depois, o Imperador fez saber que queria dar como adjunto ao Padre Inácio Kögler, Presidente do Tribunal da Matemática, um compamneiro Europeu. Isto aconteceu no ano de 1725, quando, como acima referi, veio a lume a obra da Academia, ostentando o nome do Imperador Kam hi, para obter junto de todos mais autoridade e prestígio.

Não sossegou, assim rejeitada, a arrogância ou a inveja dos Académicos Chineses, mas passados a seguir dois ou quase três anos maquinaram contra nós nova calúnia e mais terrível. Vendo, com efeito, que o novo Imperador era avesso aos Cristãos, já que mandou banir de todos os lugares do seu Império os seus Mestres e pregoeiros da verdadeira Fé, excepto apenas de Pequim e de Cantão, subornaram, segundo se diz, o Intendente ou mordomo do Régulo décimo sexto irmão do Imperador e Assessor da Academia, como disse acima, para que, no libelo de acusação a levar ao



Imperador, nos demandasse junto do próprio Régulo, sob a acusação de que admitíamos muitos Cristãos no Tribunal da Matemática e os tratávamos com especiais favores. Não ousou o Régulo décimo sexto apresentar o libelo ao Imperador, mas entregou-o ao Régulo décimo terceiro Irmão do Imperador e seu primeiro Ministro, o qual também não quis apresentá-lo ao Imperador. Finalmente, por astúcia e poder dos rivais, fez-se com que o libelo incriminatório dos Europeus fosse apresentado ao Imperador em nome do próprio Tribunal da Matemática, e forçaram com ameaças e terrores o Presidente, um Mandarim Tártaro, colega do Padre Inácio Kögler e nosso amigo (pelo qual tomamos em segredo conhecimento desta acusação), para que o subscrevesse e acusasse como réus aqueles que ele considerava inocentes. Já estava formalizada e confirmada a acusação contra nós, a ser apresentada ao Imperador, e apenas aguardavam uma ocasião oportuna para a apresentar.

Mas eis o que se depara: estando os Académicos Chineses a tentar, por portas e travessas, arrancar do Tribunal da Matemática o único Europeu que aí havia /fl. 55/, de repente vêm, pasmados, serem dois admitidos nele, não sem uma particular Providência de Deus propício, porque, tendo-me o Imperador designado três anos antes enquanto Europeu, declarou-me pela segunda vez, nesta ocasião, Mandarim e membro do Tribunal da Matemática, e atribuiu-me como ajudante ao Padre Inácio Kögler; Abalados com a novidade e surpresa deste facto, os Académicos foram-se abaixo de ânimo, e nunca mais ousaram prosseguir a acusação intentada, ou apresentar essa mesma ou outra ao Imperador. E, mais ainda, o Supremo Regente dos acontecimentos dirigiu este assunto de tal modo que fossem castigados os Académicos que se empenhavam em imputar-nos injustamente um crime. Com efeito, embora nós fôssemos obrigados por decreto imperial a estabelecer, durante alguns anos, as previsões oficiais dos Eclipses e outros fenómenos dos corpos celestes, de acordo com a reforma da nova Academia, todavia, depois que nos foi dado examinar a tal obra, inacessível a nós anteriormente, detectámos nela vários erros e começou a tornar-se evidente que as fases dos planetas e, sobretudo, as observações dos Eclipses, não se ajustavam aos cálculos feitos segundo a prescrição da nova reforma; e nós, além disso, seguindo particularmente a verdadeira forma de calcular, predizíamos que devia haver diferença entre a observação e o cálculo realizado segundo a prescrição da Academia; na verdade, os próprios Académicos, feita a observação, reconheciam, como testemunhas oculares, essa diferença e admitiam que a sua obra se afastava da verdade; mas diziam que o erro era pequeno e só notado por observadores sábios e especialistas.

Até que, aproximando-se o Eclipse do Sol do ano de 1730, no mês de Julho, o primeiro que era visível aqui em Pequim depois de divulgada a reforma da Astronomia, com ele se manifestou, mais claro que a luz do Sol, o erro, não pequeno, dos Académicos; já que o Eclipse calculado segundo o seu método excedia o nosso cálculo em tempo não breve e em grandeza maior que um dedo<sup>1</sup>. Por tal motivo, antes do acontecimento, além da representação comum do Tribunal, como é costume, oferecemos ao Imperador outra representação do mesmo Eclipse, como coisa particular e nossa, a qual mostrava distintamente a que hora e minuto deveria começar e terminar, bem como o tamanho do Eclipse, para que o Imperador, se acaso quisesse observar, conhecesse claramente quanta diferença havia entre a nossa regra e a da Academia, e qual das duas se coadunava com a verdade da observação. Brillhou finalmente o dia do Eclipse que, ocultando os raios do sol, tornou visível a luz da verdade; com efeito, em público e no real observatório da Matemática, para que a verdade fosse mais evidente, diante do lugar da observação, mostrando-o a muitos espectadores, tínhamos preparado um instrumento para captar a imagem do Sol, por meio de um telescópio de seis pés chineses, numa mesa colocada por baixo ortogonalmente, de cujo centro até ao tamanho da imagem aparente estava desenhado com toda a exactidão um círculo dividido, à maneira chinesa, em dez raios; tinham-se também preparado, numa folha de papel limpa, vários círculos divididos de forma semelhante e a serem aplicados sucessivamente sobre ele, nos quais estavam marcadas as fases eclípticas que apareceriam ao longo de cada um dos raios, segundo as inclinações da Lua em relação à linha vertical do Sol. E assim se fez a observação deste Eclipse, que em tudo foi conforme ao nosso cálculo particular, e não apenas no próprio observatório, como também no grande Tribunal dos Ritos, onde é costume confluírem os Mandarins da Corte, para observar o Eclipse durante toda a sua duração; foi então que manifestamente se detectou no Palácio Real não tanto a falência do Sol, quanto a da verdade da Astronomia reformada pelos Académicos, a ponto de todos dizerem às claras que o Imperador devia ser avisado e que se lhe devia pedir outra reforma da Astronomia, certa e exacta. Até os próprios Académicos, convencidos pelos factos, confessavam que já não se podia esconder mais o erro da sua obra e que, por conseguinte, se devia absolutamente suplicar a sua correcção.

---

<sup>1</sup> O dedo, enquanto medida de comprimento, corresponde a 1,84 cm (décima sexta parte de pé: 29,6 cm).

A partir deste momento toda a dificuldade da questão consistia em quem havia de comunicá-la ao Imperador; na verdade, todos temiam prudentemente que o Imperador se inflamasse de cólera e castigasse os Acadêmicos por causa da imensa soma de dinheiro tirada do tesouro Real e gasta em vão numa obra tão inútil e cheia de erros. Eram muitíssimos os que afirmavam que era do interesse de nós dois avisar o Imperador deste problema, entre os quais o primeiro a tentar persuadir-nos a isso foi o próprio Régulo, décimo sexto Irmão do Imperador e Presidente Assessor da Academia; nós, porém, para não incorreremos no ódio de muitos, respondemos ao Régulo que isso não era da nossa competência, mas dizia mais respeito a sua alteza. Ele, por sua vez, declarou abertamente que não ousava fazê-lo; por fim levou o Tribunal da Matemática a apresentar ao Imperador um libelo de suplicação, no qual, com as palavras mais suaves que é possível, para não ferir os Acadêmicos, assim propunha o assunto: que o próprio Tribunal há alguns anos, prosseguindo por decreto Real a reforma da Academia de Astronomia, advertiu que os fenómenos dos corpos celestes e sobretudo as observações dos Eclipses não se ajustavam exactamente às regras transmitidas pela Academia, pelo contrário diferiam um pouco; e que não tinha avisado mais cedo sua Majestade porque esperava que se desse o Eclipse do Sol, para que a questão fosse examinada mais atentamente; no entanto, passado o Eclipse e verificada uma notável discordância dos preceitos da Academia com a verdade /fl. 55v./ das observações, considerava absolutamente necessário elaborar uma nova reforma da Astronomia, pela qual suplicava, e para a levar a cabo propunha a Sua Majestade os dois Padres Europeus adictos ao próprio Tribunal, ou seja, Inácio Kögler e André Pereira. Em todos os pontos concordou benignamente o Imperador com a proposta do Tribunal, e decretou que assim se devia fazer.

Portanto, de imediato lançámos mãos à obra; concluída ela, os dois Eclipses que se seguiram, no próximo mês, Dezembro de 1731, um Eclipse pequeno da Lua que se deu no dia 13, outro do Sol no horizonte e bastante grande, que ocorreu no dia 29 do mesmo mês, ambos visíveis aqui, nós calculámo-los de dois modos, isto é, segundo as regras da Academia e segundo a reforma feita por nós; entre as quais havia uma larga diferença; não obstante, foi assim que os apresentámos ao Imperador, para que decretasse qual delas deveria ser divulgada e preferida. O Tribunal da Matemática, por voto de muitos que antes tinham sido Acadêmicos e agora faziam parte do próprio Tribunal, apresentou um libelo ao Imperador em que suplicava que, pelo menos por esta vez, enquanto não estava provado com a experiência de algum Eclipse que a nova

reforma da Astronomia feita pelos Europeus se adequava à verdade, Sua Majestade permitisse que os dois Eclipses a sucederem proximamente fossem calculados e divulgados segundo as normas da Academia. O Imperador suportou com dificuldade uma súplica deste jaez e, diante de nós, repreendeu o próprio Tribunal com estas palavras: «Vós vistes claramente até agora que os cálculos da Academia estavam errados e quereis persistir ainda no mesmo erro? Não é isto, porventura, querer tornar a Matemática grotesca no Império da China?» Ordenou, portanto, o Imperador que fossem divulgados os Eclipses calculados inteiramente segundo o método da Astronomia reformada por nós, sem ter sido previamente provado por nenhuma experiência que este método está conforme com a verdade, o que é, de facto, um sinal não pequeno do grande apreço que ele tinha pela ciência Astronómica dos Europeus, que mais do que uma vez elogiará; e por agora acrescentou que ele próprio queria observar estes dois Eclipses.

Chegou finalmente o tempo do desaparecimento da Lua e do enfraquecimento do Sol, no que a observação de ambos se achou que estava de acordo rigorosamente com o cálculo feito por nós, não sem grande louvor dos Europeus e enorme admiração dos principais Magnates desta Corte, os quais, repartidos por vários sentimentos, conforme o pincel da vontade de cada um coloria a imagem da realidade, esperavam, com a maior expectativa, a ocorrência do futuro. Entretanto, o Imperador, no seu Palácio, observou o Eclipse e muito se alegrou, conhecendo por experiência quanto é verdadeira a Matemática dos Europeus. Prouvera a Deus que também um dia conhecesse a verdade da Fé Divina que eles próprios pregam! Depois de passarem alguns dias, indo nós oferecer ao Imperador a Reforma da Astronomia por nós realizada, chamando-nos ele à sua presença e recebendo-nos com muita deferência, disse que ele próprio tinha observado os dois Eclipses e se tinha dado conta de que os cálculos e as observações concordavam perfeitamente entre si, e, agradecendo-nos por isso e pela obra da reforma concluída com tanto sucesso, acrescentou que a Astronomia neste Império da China é um assunto da maior importância, e que por isso, antes de a reforma dela ser impressa, se devia pedir o parecer dos Ministros mais eminentes da Corte, que se chamam *Kolai*. Estes, feita previamente uma consulta, foram de opinião que seria convenientíssimo e importantíssimo para o Império se tal reforma viesse a lume e fosse daí em diante a norma pela qual se regesse o Tribunal da Matemática. Ouvido este parecer, o Imperador decretou que fosse executado e mandou consultar o Tribunal dos Ritos sobre a recompensa a dar-nos pela reforma da Astronomia. O

Tribunal dos Ritos declarou que deviam ser acrescentados a cada um de nós dois graus de precedência dentro da mesma ordem de Mandarinato, prerrogativa que é tida em grande apreço entre os restantes Mandarins; a nós, porém, serviu-nos apenas para alcançar maior prestígio entre os Chineses. Faça Deus com que, assim como a verdadeira Matemática triunfou da ignorância e da astúcia dos Académicos, quando tentavam a todo o custo rebaixá-la ou aboli-la, assim também ainda mais a fé verdadeira e católica, pela qual trabalhamos, obtenha o triunfo sobre os erros e a maldade dos gentios, quando tanto se esforçam, com opressiva perseguição, por arrancá-la e erradicá-la; e isso é legítimo que o esperemos da imensa Bondade de Deus; com efeito, se numa controvérsia largamente inferior se mostrou tão propício para connosco, quem duvidará de que na suprema causa da Religião há-de ser de longe mais benigno para connosco, sobretudo se for implorado pelos sacrifícios de Vossa Reverendíssima Paternidade e dos outros Reverendos Padres, e pelas orações dos Caríssimos Irmãos, que eu peço com todas as forças. Pequim, 20 de Novembro de 1732.

De Vossa Reverendíssima Paternidade

Mínimo Filho em Cristo

André Pereira.